

propriadar o conhecimento dos trabalhadores e sistematizar, elaborar esses conhecimentos e devolvê-los de forma parcelada. O taylorismo é a expressão mais típica do que foi assinalado.

Daí por que o ensino profissionalizante, concepção capitalista, tem como pressuposto a fragmentação do trabalho em especialidades autônomas. É destinado àqueles que devem executar, enquanto o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que, mais próximos dos dirigentes, devem conceber e controlar o processo.

Para o autor, a "idéia de politécnia contrapõe-se à referida concepção. Ela postula que o processo de trabalho desenvolva, numa unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais". Ela diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno. O que poderá ser concretizado através de um ensino que una criticamente os aspectos teóricos à prática do sistema produtivo.

Provido da formação politécnica (teórica e prática), no conceito acima referido, o trabalhador estará "em condições de desenvolver as diferentes modalidades de trabalho, com a compreensão do seu caráter, da sua essência". Será possível, então, adaptar-se conscientemente às especialidades parcelares do processo de trabalho capitalista, configuradas como uma divisão de tarefas no seio de um processo "cujo domínio é coletivo".

Face ao que foi dito, o autor considera viável a proposta de um Politécnico da Saúde na Fundação Oswaldo Cruz, na medida em que permitiria unir os aspectos científicos (das ciências naturais e sociais) ao processo de trabalho real (pesquisa e produção de medicamentos, trabalho hospitalar etc.) dos serviços de saúde em que essa instituição está envolvida. Adverte, finalmente, sobre a necessidade de que essa síntese, representada pela politécnia, esteja presente em todos os componentes

do currículo e na visão do processo real de trabalho de cada um dos profissionais que atuam no Politécnico.

Trata-se, para concluir, de um estudo em que, em poucas páginas, o autor sistematiza e incorpora para o debate algumas perspectivas fundamentais do socialismo sobre a modernização e a democratização das oportunidades do saber através da escola.

Pra acabar com o bazar de bugigangas!

Ezequiel Theodoro da Silva*

*UNICAMP — Serviço de
Informação Sobre o Livro Didático.*
**O Que Sabemos Sobre Livro
Didático: Catálogo Analítico.**

Campinas, Editora da UNICAMP, 1989.

Na mesma proporção em que os professores de 1º e 2º grau *perdem* em conhecimento, autonomia e dignidade ao longo das décadas de 70 e 80, a indústria brasileira do livro didático *ganha* altíssimos dividendos com as suas vendas, jogando no mercado produtos nem sempre confiáveis. A pedagogia tecnicista, ao idolatrar os meios de ensino em detrimento dos fins da educação, foi em grande parte sustentada pelos mercadores de livros e materiais didáticos. Assim, dar aula ou até mesmo ser professor passou a significar a adoção do livro ou do manual didático da moda: bem ilustrado, descartável e de acordo com os famosos guias curriculares. Os milhões de cruzeiros investidos na compra em massa de livros didáticos pelos governos nem de longe

*Faculdade de Educação - UNICAMP
Associação de Leitura do Brasil - ALB

melhoraram a qualidade do ensino; pelo contrário, se atingiu algum propósito, este foi o de enriquecer os proprietários de muitas editoras nacionais ou então o de gerar retornantes escândalos devido à malversação de verbas públicas, alimentando, a cada início de semestre, páginas e páginas da imprensa do país.

A força dessa muleta chamada “livro didático” e a sua presença na vida das escolas brasileiras foram estudadas por vários pesquisadores; entretanto, os estudos ficaram esparramados aqui e ali, em diferentes locais, em diferentes tipos de documentos, em diferentes seções de bibliotecas. Com isso, os professores, a quem esses estudos primeira e primordialmente deveriam se dirigir, não tinham condições de obter os resultados das análises realizadas. E, na ausência dessas análises ou na falta de acesso a elas, continuava valendo a idéia de que, ao invés de escolher, o professor “era escolhido” pelo livro didático, tal qual aquela imagem do boneco Pinóquio sendo engolido pela boca imensa da baleia na história que tão bem conhecemos.

Eis que, em 1987 e 1988, 22 pesquisadores da UNICAMP, ao lado de 20 auxiliares e contando com o apoio do Inep, resolvem enfrentar de vez a desafiadora — senão penosa — “parada” de reunir num acervo o estado do conhecimento sobre o livro didático no Brasil e, com ele, produzir um catálogo para uma melhor orientação dos professores. Nelson Pretto, um dos idealizadores e incentivadores desse projeto, explicita, no prefácio, os principais objetivos, do catálogo: “(...) pode permitir ao professor de 1º e 2º grau uma análise mais objetiva e detalhada dos diversos livros (didáticos) disponíveis no mercado para serem adotados (ou não!). Vai, com isso, abrir espaço para, finalmente, colocar as editoras em seu devido lugar, dispensando o colega professor do assédio dos vendedores de bugigangas e quinquilharias do que qualquer outra coisa” (p. 9). Fica a esperança de que o catálogo seja o

mais amplamente divulgado e distribuído, de modo que os professores façam uso sistemático e continuado desse acervo. Somente assim, acreditamos, serão tomadas decisões mais acertadas quando da seleção de materiais didáticos como meios de apoio ao processo didático-pedagógico.

Em termos de estruturação, o catálogo beira as margens da perfeição. As análises descritivas são elaboradas a partir dos seguintes critérios: tipo de documento (livro, jornal, tese etc.), área de conhecimento do currículo, seriação escolar e foco (política, história, utilização etc.). Vários índices fornecem diferentes meios de entrada aos 426 trabalhos inicialmente compilados. No intuito de efetivamente atender aos professores e pesquisadores, a Biblioteca Central da UNICAMP, assessorada por professores do Instituto de Estudos da Linguagem e Faculdade de Educação, *constituiu* o Serviço de Informação Sobre o Livro Didático. É claro que, além de atendimento, esse serviço garantirá a atualização permanente do catálogo, agilizando a obtenção e análise de novos estudos e/ou a correção de análises anteriormente realizadas.

É certo que ainda transcorrerá um bom tempo até que os livros didáticos nacionais percam o seu estatuto de “fins em si mesmos”, considerando as condições vividas pelo professorado para produzir ensino neste país. O Catálogo Analítico, grudado ao seu Serviço de Informações, coloca-se, assim, como um horizonte possível de reflexão, crítica e pesquisa sobre a problemática do livro didático. E quem quiser conhecer a eficiência do atendimento, colaborar com o enriquecimento do acervo ora existente, fazer pesquisas etc., poderá escrever para:

*Biblioteca Central — UNICAMP
Serviço de Informação Sobre o
Livro Didático
Caixa Postal 6136
CEP 13081 — Campinas — SP*